

EM  
TORNO  
DO  
MESTRE



VINÍCIUS

EM  
TORNO  
DO  
MESTRE



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



# Sumário

<i>Prefácio da 2ª edição</i> .....	11
------------------------------------	----

## SEIXOS E GRAVETOS – PRIMEIRA PARTE

O pai e o filho .....	17
O Mestre e o discípulo .....	21
Paciência não se perde .....	27
Felicidade .....	31
O humano e o divino .....	35
O mordomo infiel .....	39
Renúncia .....	43
Avareza .....	49
Marta e Maria .....	53
<i>Ecce Homo</i> .....	57
Conversão .....	65
Coragem moral .....	69
A dor .....	75
A supremacia do espírito .....	79
Soou a hora .....	81
A crise .....	85
Deus, justiça, evolução .....	89
O pecado e a atitude pecaminosa .....	93
O criminoso e o crime .....	97

A restauração do inferno .....	101
Os lírios e as aves .....	107
Os dois espelhos .....	111
Pai nosso que estás nos Céus .....	115
Frase maravilhosa .....	117
Lobos vorazes .....	121
O Médico das almas .....	125
A dracma perdida .....	127
Einstein e a Religião .....	131
Colóquio íntimo .....	133
O pão e o vinho .....	137
A natureza humana .....	141
Lázaro e o Rico .....	147
Jesus, o Mestre .....	151
A grande lição .....	155
O sumo bem .....	159
As milícias do Céu .....	163
<i>Nil novi sub sole</i> .....	167
Amor e amores .....	171
A nossa loucura .....	175
Ligeiro cavaco .....	179
Humildes de espírito .....	181
Tentação .....	185
Ressurreição .....	191
Pai! Perdoa-lhes... ..	197
A suprema conquista .....	199
Educar .....	203
Não julgueis .....	207
A paixão do Senhor .....	211
Iniquidade? Não. Justiça! .....	215
O lar .....	217
O caminho estreito .....	223

Instrução e educação .....	225
Jesus e o seu Natal .....	229
Cristo nasceu? Onde? Quando? .....	235
A psicose da época .....	239
Sede perfeitos .....	241
Honra ao mérito .....	245
Fé, esperança e caridade .....	247
O Reino de Deus .....	249
Crer e crer .....	253
Canonização da Terra e canonização do Céu .....	257
A multiplicação dos pães .....	261
<i>Homo homini lupus</i> .....	265
Pilatos e a Verdade .....	269
O magno problema .....	273
A Torre de Babel .....	277
A necessidade do momento .....	279
Jesus e suas parábolas .....	283
Os nossos caricaturistas .....	285
Cristianismo e justiça .....	289
O objetivo do Espiritismo .....	291
Causas e efeitos .....	295
O Juízo Final .....	299
Quem é meu próximo .....	303
Cruzada contra a verdade .....	305
A História se repete .....	309
A cruz do Cristo .....	313
Em Espírito e verdade .....	315
Ouvindo Stanley Jones .....	317
Inversões fatais .....	321
Pátria .....	325
A Arte .....	327
Larfobia .....	329

As pedras verdes .....	331
O sal da terra .....	335
A realeza da lei .....	337
A indigência humana .....	339
Brado de fé .....	341
O Unigênito .....	343
A semente e o fruto .....	345
Amar o próximo .....	349

### ESTILHAS E LIMALHAS – SEGUNDA PARTE

A palavra de Jesus .....	353
O trabalho .....	355
Egoísmo .....	357
A manjedoura de Belém .....	359
Religião e higiene .....	361
A Religião da Revelação .....	363
O emblema dos cristãos .....	365
A Lei da vida .....	367
A palavra .....	369
O valor das obras .....	371
A luz do mundo .....	373
Tudo é bom .....	375
A Lei .....	377
<i>Nihil</i> .....	379
Cristianização do mundo .....	381
Não temas .....	383
Sem título .....	385
Justiça .....	387
A unidade da fé .....	389
Saulo e Paulo .....	393
As três dores .....	395
O ensino religioso .....	397



Quimeras e realidades .....	399
A soberania da lei .....	401
Cânones do século .....	401
Homens racionais .....	407
O homem .....	409
Crer sem ver .....	411
Orgulho .....	415
O demônio .....	417
Inteireza do Cristianismo .....	419
Olhos de ver .....	421
Filosofia da felicidade .....	423
Impressão de viagem .....	427
Reflexões .....	431
Vigílias .....	435
O nonada humano .....	441
Suprema lei .....	443
O tempo .....	445
Os mistérios do amor .....	447
O Evangelho do Reino .....	451
O Caminho, a Verdade e a Vida .....	453
Excertos .....	455
O pêndulo da vida .....	463

*Aos que comigo creem e sentem as revelações do  
Céu, comprazendo-se em sua doce e encantadora  
magia, dedico esta obra.*

## *Prefácio da 2ª edição*

O leitor vai ler Seixos e gravetos, Estilhas e limalhas, denominações que a modéstia cristã do autor deu ao conteúdo destas páginas. Isso tudo são nomes que se dão a frações ou fragmentos de alguma coisa. Concordo em parte com esse batismo, por conhecer bem de perto o autor.

Eu mesmo quis fazer a revisão e o prefácio da primeira edição. Para tanto, era preciso ler os originais da obra. E esse exercício mental proporcionou-me grande prazer e imenso proveito. Agora, na segunda edição que a benemérita Federação Espírita Brasileira oferece ao leitor, vai o prefácio levemente ampliado para clarear certas expressões então em sentido figurado.

De entrada, devo dizer que estas páginas merecem ser lidas e meditadas por todos quantos se interessam pelas coisas divinas, maximamente nestes dias de tanto ceticismo, o que vale dizer — de tanta dúvida, de tanta inquietação e de tanta indiferença pelas coisas sérias e santas, quais sejam as realidades palpantes da vida do Espírito além das fronteiras do sepulcro.

Os assuntos aqui esflorados e desenvolvidos instruem, esclarecem e acalmam o espírito sedento de paz e de luz. Aqui encontrará cada leitor, seja qual for a expressão que dê a suas convicções religiosas, uma resposta que satisfaz aos

seus anseios íntimos, por isso que o A., seguindo as pegadas do Mestre, sabe ministrar em dosagem adequada o remédio prescrito pela terapêutica do Médico das almas em seu divino formulário que é o Evangelho.

Vinícius não é discutidor. Não sente gosto pela polêmica, talvez porque esta palavra, do grego *polemos*, quer dizer “guerra”.

Espírito pacífico e reconhecidamente pacificador, seu método expositivo é cem por cento pedagógico. E o bom pedagogo só constrói, sem usar de instrumento cortante ou contundente, visto que seu processo edificativo se apoia em dois alicerces permanentes e insubstituíveis — o raciocínio e o sentimento. Razão e Coração. Ser pedagogo é, pois, saber conduzir inteligências e consciências na direção da luz e do bem, com critério e carinho, com clareza e segurança, descendo até ao nível da capacidade receptiva dos seus educandos. Aristóteles, um dos luzeiros da Filosofia, chegou a afirmar que o mestre é de mais valia que os pais, porquanto estes apenas dão a vida, enquanto aquele ensina a arte do bem viver.

Vinícius faz jus ao título de pedagogo. É o que afirmam suas numerosas obras e teses magistrais, girando os assuntos, invariavelmente, em torno de uma ideia central que é o esclarecimento, a formação moral e espiritual de seus semelhantes.

Seixos ou gravetos, limalhas ou estilhas — Vinícius disse bem, porque esses 135 temas e respectivas dissertações outra coisa não são que reflexos infinitamente pequenos da Verdade, que é infinitamente grande, por ser a essência mesma da Divindade. “*A tua Palavra é a Verdade*”, disse Jesus na oração ao Pai pelos seus discípulos. (*João, 17:17*.) E Vinícius nos conduz a ouvir a Palavra de Jesus, que é a Palavra de Deus.

*Em torno do Mestre* é livro para a escrivinha do escritório, para a cabeceira da cama, para o culto doméstico, para a tribuna em qualquer assembleia ou reunião de estudo do Evangelho, seja num templo ou num centro espírita. Vinícius não é controversista, mas exegeta-educador, intérprete fiel da Palavra do Mestre, explicando-a não segundo a letra, mas segundo o espírito que anima e vivifica as palavras. Há quase quatro décadas exerce as funções de educador de almas na tribuna e na pena, e é assim que se explica a razão por que, em cada leitor ou ouvinte, em todo o país, tem ele um fervoroso admirador. É que vem plantando em todos os corações a semente da gratidão.

**ROMEU A. CAMARGO**  
 São Paulo, 22 de outubro de 1947.



*SEIXOS E GRAVETOS*  
*Primeira parte*





# *O pai e o filho*

*“Sede perfeitos como vosso Pai celestial.”*

(MATEUS, 5:48.)

*Pai:* Que queres filho? Procuras-me com tanta insistência.

*Filho:* Quero riquezas, meu Pai. Desejo possuir largos cabedais, muitas fazendas, ouro e prata. Aspiro a ser um Creso.

*Pai:* Dar-te-ei o que pretendes, filho; porém, previno-te de que de novo me buscarás, porque não te sentirás satisfeito.

\*\*\*

*Pai:* Aqui estou, filho, que desejas de mim, uma vez que me buscas com tanto interesse?

*Filho:* Quero saúde, força, vigor físico, resistência. Invejo os Hércules, os Ursos, os Titãs.

*Pai:* Terás o que solicitas de mim, filho. Não obstante advirto-te: de novo me procurarás, porque não te sentirás satisfeito.

\*\*\*

*Pai:* Eis-me aqui, filho. Por que estás assim aflito e me chamas com tamanha impaciência?

*Filho:* Pai, tenho sede de domínio, de poder, de autoridade. Meu desejo é governar, é conquistar reinos, dominar nações, imperando discricionariamente sobre povos e raças. Tenho por modelos — Napoleão e Júlio César.

*Pai:* Será deferida a tua petição, filho. Contudo, permite que te observe: de novo me demandarás, porque não te sentirás satisfeito.

\*\*\*

*Pai:* Por que bates assim sofregamente nos tabernáculos eternos? Sossega, acalma-te e fala.

*Filho:* Pai, sou ávido de glórias; a fama me fascina, a notoriedade me arrebatava. Nenhuma alegria terei, enquanto não lograr este meu intento. Quero perceber sobre a fronte a coroa de louros que ostentaram os sábios, os grandes poetas, os escritores célebres. Anelo ser Camões, Cícero, Hipócrates.

*Pai:* Serás atendido, alcançando o que tanto ambicionas. Todavia, aviso-te de que de novo voltarás à minha procura, por isso que não te sentirás satisfeito.

\*\*\*

*Pai:* Aqui estou, filho, pede o que desejas, dize o que pretendes de mim.

*Filho,* finalmente: Pai, quero amar e ser amado. Sinto incontido anseio de expandir o meu coração. Vejo-me constrangido numa atmosfera asfixiante. Meu sonho é amar amplamente, incomensuravelmente. Meu maior desejo é sentir palpitar em mim a vida de todos os seres. Quero o amor sem

restrições, ilimitado, infinito. Quero amar com toda a capacidade de meu coração, assim como os pulmões saudáveis respiraram na floresta, nos montes, nos campos e nos bosques!

Meu ideal, Pai, é o Filho de Maria, o Profeta de Nazaré, aquele que morreu na cruz por amor da Humanidade.

*Pai:* Sê bendito, meu filho. Terás aquilo a que tão sabiamente aspiras. Não me procurarás mais, porque sentirás em ti a plenitude da vida: de ora em diante serás uno comigo.



## O Mestre e o discípulo

*Discípulo:* Senhor, sinto-me desalentado diante das iniquidades do século. Parece que jamais os homens se mostraram tão rebeldes à razão e ao sentimento, como nestes tempos.

*Mestre:* Desalentado? Por quê? Duvidas, acaso, da segurança do Universo? Desalento é fraqueza, é falta de fé.

*Discípulo:* Quero ter fé, Senhor, mas vejo a cada passo surgirem tais impedimentos e tais embaraços à vinda do Reino de Deus, que o desânimo me invade a alma.

*Mestre:* És mais carnal que espiritual. A precipitação é peculiar ao homem. Quando o domínio do Espírito se estabelece, o coração se acalma, serenam as paixões e a fé não vacila mais. A pressa é não só inimiga da perfeição, como também da razão. Os atrabiliários e insofridos jamais arrazoam com acerto. O Reino de Deus há de vir e está vindo a cada instante, para aqueles que o querem e sabem querê-lo. A vontade de Deus há de ser feita na Terra, como já o é nos Céus. Espera e confia, vigia e ora. Não debes medir o curso das ideias como medes o curso da tua existência: esta se escoia através de alguns dias fugazes, enquanto aquelas se agitam no transcorrer dos séculos e dos milênios.

*Discípulo:* Bem sei, Senhor, que deve ser como dizes. Eu supunha, no entanto, que a obra da evolução caminhasse sem intermitências; por isso queria vê-la em marcha as-

censional, triunfando dos óbices e tropeços com que os homens, em sua ignorância e maldade, costumam juncar-lhe o caminho. Esta vitória do mal sobre o bem, da opressão sobre a liberdade me amargura e angustia. Tal vitória é certamente efêmera; contudo, é um entrave à evolução, é uma pedra de tropeço que, não se sabe por quanto tempo, conservará o carro do progresso entravado.

*Mestre:* Enganas-te. A evolução é lei imutável. Não há forças, não há potências conjugadas capazes de a impedir, nem mesmo embaraçar-lhe a ação e a eficiência. Nem um só instante a obra da evolução sofreu interrupções na eternidade do tempo e no infinito do espaço.

*Discípulo:* Como explicas, então, Senhor, a iniquidade, a tirania, a mentira e a corrupção que ora imperam na sociedade terrena? O mundo estará evolutindo sob o influxo de tais elementos?

*Mestre:* Erras nos teus juízos, pelos motivos já expostos. Ignoras que é precisamente sofrendo iniquidades e suportando opressão que o homem vai compreender o valor da justiça e da liberdade? Não sabes que só a experiência convence os Espíritos rebeldes? Não vês como os doentes amam a saúde, como os oprimidos sonham com a liberdade e os perseguidos suspiram pela justiça? Julgas que esta geração adúltera e incrédula se converta apenas com os testemunhos do Céu e com as palavras de amor expressas no Evangelho do Reino? Supões que todos se amoldam à graça sem o aguilhão da lei? Em mundos como este, é preciso privar os seus habitantes de certos bens, para que se inteirem do valor e importância desses mesmos bens. Suportando injustiças e afrontas, vendo seus direitos postergados pelo despotismo, os homens aprenderão a venerar a justiça, subordinando-lhe os interesses temporais e

tornando-se capazes de renúncias e de sacrifícios em prol de seu advento.

*Discípulo:* Começo a ver luz onde tudo se me afigurava escuro. Todavia, Senhor, seja-me permitido ainda algumas perguntas.

*Mestre:* Pede e receberás; bate e se te abrirá, busca e acharás.

*Discípulo:* De tal modo, a obra da redenção jamais se interrompe e, mesmo através de todas as anomalias, ela se realiza fatalmente?

*Mestre:* Decerto: se assim não fora, a Suprema Vontade não se cumpriria e Deus deixaria de ser Deus. A evolução, no que respeita ao Espírito, opera-se pela educação dos seus poderes e faculdades latentes. Ora, todas as vicissitudes, todas as lutas, todos os sofrimentos, em suma, contribuem para incentivar o desenvolvimento das possibilidades anímicas. Assim, pois, quer o Espírito goze os salutares efeitos da prática do bem e da conduta reta; quer suporte as amargas consequências do mal cometido, da negligência no cumprimento do dever, da corrupção a que se entregue, ele estará educando-se, e, portanto, evoluindo. Pelo amor e pela dor, sob a doçura da graça, ou sob a inflexibilidade da lei — caminhará, sempre, em demanda dos altos destinos que lhe estão reservados.

*Discípulo:* Falas na santa obra da educação. Feriste, Senhor, o alvo, o eixo em torno do qual giram as minhas lucubrações mais acuradas. Compreendo muito bem a importância da educação. Vejo claramente que só a religião da educação, tal como ensinaste e exemplificaste, pode salvar a Humanidade. Mas como vingará esta fé, se os dirigentes, os dominadores de consciências, aqueles, enfim, que têm ascendência sobre o povo são os primeiros a deseducá-lo, a corrompê-lo, premiando os caracteres fracos e venais que

se sujeitam aos seus caprichos e perseguindo os poucos que, capazes de sofrer pela justiça e pela verdade, pelo direito e pela liberdade, resistem ao despotismo do século? Tal processo de corrupção não invalidará, pelo menos por tempo indeterminado, a eficiência da educação?

*Mestre:* Nada há encoberto que não seja descoberto, nem algo oculto que se não venha a saber. Falas em processo de corrupção que poderá deseducar o povo. Ignoras, então, que o Espírito educado jamais se deseduca? A lei é avançar e não retroagir. Os que se submetem às influências dos maus e dos prevaricadores, deixando-se corromper por falaciosas promessas, são Espíritos fracos, egoístas e amigos da ociosidade, da vida cômoda e fácil. São os tais que entram pela porta larga e transitam pela estrada espaçosa e ampla que conduz à perdição. É possível que tais indivíduos se abastardem ao extremo, levados pelos corruptores de consciências, mas o dia do despertar há de chegar. Tanto maior será a reação quanto mais o Espírito se tenha degradado. E, às vezes, é o único meio de corrigir os cínicos, os hipócritas e os indolentes.

*Discípulo:* E os empreiteiros da corrupção, até quando continuarão entregues a tão abjeta tarefa?

*Mestre:* Eles são instrumentos inconscientes de punição. Os homens castigam-se mutuamente. São semelhantes aos seixos que rolam no fundo dos rios, arrastados pela corrente das águas. No começo, eram ásperos e arestosos, mas, à força de se entrechocarem e se friccionarem, acabam alisando-se, tornando-se polidos e brunidos, como trabalhados por mão de artista. Cumpre notar ainda que a cada um será dado segundo as suas obras. O déspota de hoje será a vítima de amanhã — pois quem com ferro fere com ferro será ferido.



*Discípulo:* Estás com a razão, Senhor. És, de fato, o Caminho, a Verdade e a Vida. És a luz do mundo.

*Mestre:* Lembra-te do que eu disse: Vós sois o sal da Terra e a luz do mundo. Não se acende uma candeia para colocá-la debaixo dos móveis, mas no velador, para que a todos ilumine. Portanto, não basta que me consideres luz, é preciso que te *tornes luz*.

*Discípulo:* Cada vez mais me arrebatas com a tua luz, aclarando os problemas da vida, tornando acessíveis a todas as inteligências os mais complexos problemas sociais.

*Mestre:* Confessas que tens entendido o que Eu disse? Bem-aventurado serás, se puseres em prática os meus ensinamentos. Não te esqueças: *se os praticares*. Trata, pois, de descobrir o Reino de Deus em ti mesmo, no teu coração; depois, procura implantá-lo em teu lar; depois, em tua rua; depois, no mundo. Não tenhas pressa. Confia e espera, vigia e ora. Não penses em fazer o mais, antes de fazer o menos. No Universo, tudo é ordem e harmonia.



# *Paciência não se perde*

*“Pela paciência possuireis as vossas almas.”*

É muito comum ouvirmos esta exclamação: perdi a paciência! Como sabem, porém, que perderam a paciência? Por que quando precisaram daquela virtude para se manterem calmos e serenos não a encontraram consigo, e, por isso, exasperaram-se, praticaram desatinos, proferiram impérios e blasfêmias?

Só pelo fato de não encontrarem em seu patrimônio moral aquela virtude, alegam logo que a perderam. Como poderiam, porém, perder o que não possuíam?

Será melhor que os homens se convençam de que eles não têm paciência, que ainda não alcançaram essa preciosa qualidade que, no dizer do Mestre insigne, é a que nos assegura a posse de nós mesmos: *Pela paciência possuireis as vossas almas*. E não pode haver maior conquista que a conquista própria. Já alguém disse, com justeza, que o homem que se conquistou a si mesmo vale mais que aquele que conquistou um reino. Os reinos são usurpados mediante o esforço e o sangue alheio, enquanto a posse de si mesmo só pode advir do esforço pessoal, da porfia enérgica e perseverante da individualidade própria, agindo sobre si mesma.

Todos esses, pois, que vivem constantemente alegando que perderam a paciência, confessam involuntariamente que jamais a tiveram. Paciência não se perde como qualquer objeto de uso ou como uma soma de dinheiro. Os que ainda não lograram alcançá-la, revelam essa falha precisamente no momento em que se exasperam, em que perdem a compostura e cometem despautérios. Quando, depois, o ânimo serena, o homem diz: perdi a paciência. Não perdeu coisa alguma; não tenho paciência é o que lhe compete reconhecer e confessar.

As virtudes, esta ou aquela, fazem parte de uma certa riqueza cujo valor imperecível Jesus encarece sobremaneira em seu Evangelho, sob estas sugestivas palavras: *Granjeai aquela riqueza que o ladrão não rouba, a traça não rói, o tempo não consome e a morte não arrebatá.* Tais bens são, por sua natureza, inacessíveis às contingências da temporalidade, e não podem, portanto, desaparecer em hipótese alguma. Constituem propriedade inalienável e legitimamente adquirida pelo Espírito, que jamais a perderá.

Não é fácil adquirirmos certas virtudes, entre as quais se acha a paciência. A aquisição da paciência depende da aquisição de outras virtudes que lhe são correlatas, que se acham entrelaçadas com ela numa trama perfeita. A paciência — podemos dizer — é filha da humildade e irmã da fortaleza, do valor moral. O orgulho é o seu grande inimigo. A fraqueza de Espírito é outro obstáculo à conquista daquele precioso tesouro. Todos os movimentos intempestivos, todo ato violento, toda atitude colérica são oriundos da suscetibilidade do nosso amor-próprio exagerado. A seu turno, os desesperos, as aflições incontidas, os estados de alucinação, os impropérios e blasfêmias são consequências de fraqueza

de ânimo ou debilidade moral. A calma e a serenidade de ânimo, em todas as emergências e conjunturas difíceis da vida, só podem ser conservadas mediante a fortaleza e a humildade de Espírito. É essa condição inalterável de ânimo que se denomina *paciência*. Ela é incontestavelmente atestado eloquente de alto padrão moral.

Naturalmente, em épocas de calmaria, quando tudo corre ao sabor dos nossos desejos, *parece* que possuímos aquele preciosíssimo bem. Os homens, quando dormem, são todos bons e inocentes. É exatamente nas horas aflitivas, nos dias de amargura, quando suportamos o batismo de fogo, que verificamos, então, a inexistência da sublime virtude conosco.

“*No mundo*”, observou o Mestre, “*tereis tribulações, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.*” (João, 16:33.) Como Ele venceu, cumpre a nós outros, como discípulos, imitá-lo, vencendo também. Cristo é o sublime modelo, é o grande paradigma. Não basta conhecer seus ensinamentos, é preciso praticá-los. Daqui a necessidade de fortificarmos nosso Espírito, retemperando-o nos embates cotidianos como o ferreiro que, na forja, tempera o aço até que o torna maleável e resistente.

A existência humana é urdida de vicissitudes e de imprevistos. Tais são as condições que havemos de suportar como consequências do nosso passado. A cada dia a sua aflição — reza o Evangelho em sua empolgante sabedoria. Portanto, cumpre nos tornemos fortes para vencermos. Fomos dotados dos predicados para isso. *Tudo que eu faço*, asseverou o Mestre, *vós também podeis fazer*. Se nos é dado realizar os feitos maravilhosos do Cristo de Deus, por que permanecemos neste estado de miserabilidade moral?

Simplesmente porque temos descurado a obra de nossa educação. A educação do Espírito é o problema universal.

A obra da salvação é obra de educação, nunca será demais afirmar esta tese.

A religião que o momento atual da Humanidade reclama é aquela que apela para a educação sob todos os aspectos: educação física, educação intelectual, educação cívica, educação mental, educação moral.

A fé que há de salvar o mundo é aquela que resulta desta sentença: *Sede perfeitos como vosso Pai celestial é perfeito.*

# *Felicidade*

Existe a felicidade? Será ficção ou realidade? Se não existe, por que tem sido essa a aspiração de todas as gerações através dos séculos e dos milênios? Já não seria tempo de o homem desiludir-se? Se existe, por que não a encontram os que a buscam com tanto empenho?

Que nos responda o poeta:

“A felicidade está onde nós a pomos; e nunca a pomos onde nós estamos”.

Eis a questão. A felicidade é um fato desde que a procuremos onde realmente ela está, isto é, em nós mesmos.

O desapontamento de muitos com relação à felicidade, desapontamento que tem gerado incredulidade e pessimismo, origina-se de a terem procurado no exterior, onde ela não está; origina-se ainda de a suporem dependendo de condições e circunstâncias externas, quando todo o seu segredo está em nosso foro íntimo, no labirinto dos refolhos de nosso ser.

O problema da felicidade é de natureza espiritual. Circunscrito à esfera puramente material, jamais o homem o resolverá. O anseio de felicidade que todos sentimos vem do Espírito, são protestos de uma voz interior.

O erro está em querermos atender a esses reclamos por meio das sensações da carne e da gratificação dos sentidos.

Daí a insaciabilidade, daí a eterna ilusão! O fracasso vem da maneira como pretendemos acudir ao clamor do Espírito. Ao ruflar de asas, respondemos com o escarvar de patas.

A ideia da felicidade é tão real como a da imortalidade: aquela, porém, como esta, diz respeito à alma, não ao corpo. Ao Espírito cumpre alcançar a felicidade que está, como a imortalidade, em si mesmo, na trama da própria vida, dessa vida que não começa no berço nem termina no túmulo.

A felicidade, neste mundo onde tudo é relativo, não exclui o sofrimento. Mesmo na dor, a felicidade legítima permanece atuando como lenitivo.

De outra sorte, sofrer durante certo tempo e ver-se, depois, livre do sofrimento, já não será felicidade? O doente que recupera a saúde e o prisioneiro que alcança a liberdade já não se sentem, por isso, felizes? A saudade que nos crucia não se transforma em gozo quando, novamente, sentimos palpitar, bem junto ao nosso, o coração amado?

Não é bom sofrer para gozar? É assim que, muitas vezes, a felicidade surge da própria dor como a aurora irrompe da noite caliginosa.

O descanso é um prazer após o trabalho; sem este, que significação tem aquele? Assim a felicidade. Ela representa o fruto de muitos labores, de muitas porfias e de acuradas lutas. Vencer é alcançar a felicidade. Podemos, acaso, conceber vitória sem refregas? Quanto mais árdua é a peleja, maior será a vitória, mais saborosos os seus frutos, mais virentes os seus louros.

Para a felicidade fomos todos criados. *“Quero que o meu gozo esteja em vós, e que o vosso gozo seja completo.”* (João, 15:11.) As graças divinas estão em nós, mas não as percebemos. A vida animalizada que levamos ofusca o brilho da luz íntima que somos nós mesmos. Vivemos como



que perdidos, insulados, ignorando-nos a nós próprios. Encontrarmo-nos e nos reconhecermos como realmente somos — eis a felicidade. Fugirmos da espiritualidade é fugirmos de nós mesmos. Querendo fruir prazeres sensuais, adulteramos nossa íntima natureza, resvalando para o abismo da irracionalidade. Desse desvirtuamento vem a dor, dor que nos chama à realidade da vida e nos conduz à felicidade.

A alegria de viver é consequência natural de um certo estado de alma, e significa viver profundamente.

*“Eu vim para terdes vida e vida em abundância.”* (João, 10:10.) A verdadeira vida é sempre cheia de alegria; é um dia sem declínio, um sol sem ocaso. O Céu é a região da luz sempiterna. A ele não iremos pela estrada ensombrada de tristezas, luto e melancolia. O caminho que conduz à felicidade, resolvendo os problemas da vida, é estreito: não é escuro nem sombrio. Estreito, no caso, significa difícil, mas não lúgubre.

A alegria de viver nasce do otimismo, o otimismo nasce da fé. Sem fé ninguém pode ser feliz. Sem fé e sem amor não há felicidade.

As virtudes são suas ancilas. Haverá felicidade maior que nos sentirmos viver no coração de outrem? *“Pai, quero que eles (os discípulos) sejam um em mim, como eu sou um contigo.”* (João, 17:21.) A fusão de nossa vida em outra vida é a máxima expressão da ventura. O egoísmo é o seu grande inimigo. Alijá-lo de nós é dar o primeiro passo na senda da felicidade.

Sendo a felicidade resultante de uma série de conquistas, é, por isso mesmo, obra de educação. Através da autoeducação de nosso Espírito, lograremos paulatinamente a felicidade verdadeira. *O Reino de Deus* — que é o do amor, da justiça e da liberdade — *está dentro de nós,*

disse Jesus com o peso de sua autoridade. Descobri-lo, torná-lo efetivo, firmar em nós o império desse Reino, vencendo os obstáculos e os embaraços que se lhe opõem — tal é a felicidade.

Para finalizar, concedamos a palavra a Léon Denis, o grande apóstolo da Nova Revelação.

Como a educação da alma é o senso da vida, importa resumir seus preceitos em palavras: “Aumentar tudo quanto for intelectual e elevado. Lutar, combater, sofrer pelo bem dos homens e dos mundos. Iniciar seus semelhantes nos esplendores do verdadeiro e do belo. Amar a verdade e a justiça, praticar para com todos a caridade, a benevolência, tal é o segredo da FELICIDADE, tal é o dever, tal é a Religião que o Cristo legou à Humanidade”.